

“A MANUTENÇÃO DO PATAMAR ASTRONÔMICO DOS JUROS PODE DESEMBOLCAR NA RECESSÃO”

(Do senador José Sarney - PMDB/AP)

Sarney critica política econômica

EX-PRESIDENTE AFIRMA QUE MANUTENÇÃO DE JUROS ALTOS NÃO COMBINA COM PROMESSAS DE FHC DE RETOMADA DO CRESCIMENTO

O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), disse ontem que “o patamar astronômico” dos juros, utilizado pelo governo como instrumento de política monetária, não combina com o discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso de retomada do crescimento econômico. “É uma posição que, sem dúvida, pode desembocar na recessão”, afirmou. Segundo Sarney, não compete ao Congresso, e sim ao Poder Executivo, “responsável pela condução da política econômica do Brasil”, colocar as taxas de juros compatíveis com o mercado. “Acho que o próprio governo e o presidente Fernando Henrique têm se manifestado a esse respeito”, disse. “Por isso, acredito que o governo deva pensar numa política que implique diminuição dos juros.”

Com “cacife” para encaminhar vários votos no PMDB, maior partido da base de apoio do governo, Sarney ressaltou que esse apoio não vai impedi-lo de discordar e de pedir soluções para as medidas econômicas que considera negativas para o Brasil. “Nosso apoio não importa em deixar de apontar soluções e de sugerir alguma forma de colaboração”, afirmou.

Segundo o presidente do Senado, há “uma quase unanimidade” no País contrária à adoção das atuais taxas de juros. Ele, no entanto, ressaltou que isso não justifica o apoio ao projeto de lei complementar que está em tramitação na Câmara dos Deputados, que limita a taxa de juros em 12% ao ano. “Colocar tabelamento na Constituição é de certo modo ineficaz e até mesmo ridículo”, disse. “É preciso ter em conta que o dinheiro é um dos mecanismos mais sensíveis da economia e está sujeito às leis de mercado.”

Ontem, o porta-voz do Planalto, embaixador Sérgio Amaral, disse que Sarney telefonou para Fernando Henrique na quinta-feira para negar que tenha feito críticas à política econômica de seu governo. “O presidente do Senado, José Sarney, ligou para Fernando Henrique e disse que foi mal-interpretado.” Na quinta-feira, Sarney também criticou as altas taxas de juros, advertindo que a atual política monetária causa recessão, impede o desenvolvimento social e só estimula, ainda mais, a paralisação da economia. O embaixador, no entanto, não soube rebater as novas críticas feitas por Sarney ontem no Senado. Segundo o porta-voz, Fernando Henrique acredita nas explicações do presidente do Senado, mesmo porque “é testemunha do esforço de Sarney em apoio à política econômica do governo e em apoio às propostas do governo no Senado”.

Também ontem, Sarney disse que não apóia a estratégia dos líderes aliados ao governo de obstruir a votação da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) até o dia 3 de julho para garantir a aprovação em primeiro turno de quatro emendas constitucionais. Ele reiterou que continua defendendo o início do recesso no dia 1º, como manda a Constituição, mas observou que não tem “poder” para impedir a obstrução da votação da LDO. O acordo dos líderes se fundamenta no impedimento constitucional de encerrar a sessão legislativa sem votar a LDO.

O calendário defendido pelo líder do governo, Elcio Alvares (PFL-ES), abrange a votação em primeiro turno de quatro emendas — gás canalizado, navegação de cabotagem, empresa nacional e telecomunicações — até o dia 3 de julho.

‘MÁGOA POLÍTICA’

Governo deixa Roseana à míngua

A insatisfação do presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), com o governo Fernando Henrique envolve até mesmo o desgosto de um pai carinhoso com o tratamento dispensado a sua filha, a governadora do Maranhão, Roseana Sarney (PFL). Não se restringe, portanto, à alta dos juros, à bronca dos “sarneyzistas” interessados em nomear a diretoria da Eletronorte e muito menos às divergências em torno do recesso parlamentar. Na verdade, Sarney, segundo amigos, anda furioso porque o Maranhão, ao contrário do que esperava, não recebeu até agora nenhum centavo da União.



José Sarney conversa com o presidente do TCU, Marcos Villaça.

“No final do ano, vou colocar uma placa na frente do Palácio dos Leões comunicando: ‘Sobrevivemos, apesar de não termos recebido nenhum recurso do governo federal’”, desabafou a go-

vernadora, numa conversa com seu pai e outros senadores, na quinta-feira, durante a reunião da Mesa Diretora do Senado. A conversa sobre a falta de dinheiro começou quando um senador

perguntou: “Então, minha governadora, veio a Roma buscar dinheiro?” Roseana respondeu: “Pois é, mas não estou conseguindo”, lamentou. “Preparamos os projetos, fizemos tudo do que jeito que pediram, mas até agora nada”. A solidariedade do pai foi imediata.

O distanciamento entre Sarney e Fernando Henrique agravou-se pela reclamação de parlamentares ligados ao ex-presidente, principalmente da bancada da Amazônia, que disputam a indicação da diretoria da Eletronorte. Sarney nunca pediu diretamente qualquer cargo, mas seus amigos consideram que ele está sendo desprestigiado quando sua “bancada” não é atendida. Daí a avaliação de que as atitudes de Sarney têm por motivo o que os políticos costumam chamar de “mágoa política”.

Helena Chagas/AE
e Rosa Costa/AE